

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 48000 réis.

Numero pago á entrega. 5000

N.º 47 — VOL. III.

sabbado 26 de Novembro de 1850.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 48300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 55000

Summario.

ACTOS: — Historia da actualidade — Antigas guerras dos gregos, concisão — Strasburgo — Ha sessenta annos — A torre de Londres — Reinado de D. Afonso vi, continuação — Casa da camara de Lovaina — Sé d'Amiens — Quadras historicas, continuação — Duas mulheres da epoca, continuação — Amor e o dever, continuação — Suetos.
GRANDEZAS: — Sé d'Amiens — Strasburgo — Casa da camara de Lovaina — A torre de Londres.

Historia da actualidade.

A camara dos dignos pares e deputados nomearam uma grande deputação para significarem a sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v, o sentimento de que os corpos colegislativos estão possuidos pelo infausto acontecimento da morte de sua magestade a rainha a senhora D. Estephania, comemorado na primeira parte do discurso da corôa na abertura da sessão legislativa.

A camara alta votou em duas sessões successivas, quasi sem discussão alguma, a nova lei eleitoral que da sessão passada ficou pendente. Foi approvada sem alteração alguma.

Em ambas as casas do parlamento se approvaram sem discussão os respectivos projectos de resposta ao discurso da corôa.

O ministerio convocou a uma reunião particular os deputados, e ahi lhes expoz quanto respeitava ao contracto Salamanca sobre as vias fereas ao Porto e á fronteira. Pareceu n'esta reunião que o contracto não soffreria na camara grande opposição; mas symptomas posteriores revelaram que ella se suscitaria, e então o governo propoz ao chefe do estado a consulta do paiz pela urna.

Ouvido o conselho d'estado, cuja deliberação foi longa, sua magestade sancionou a dissolução da actual camara dos deputados, e determinou-se que a nova que se vae convocar se reunia no dia 25 de Janeiro proximo futuro.

As eleições são feitas pela nova lei eleitoral em quanto á alteração de circulos, dando cada um só um eleito, e pela antiga em quanto aos recenseamentos, por não ser possivel cumprirem-se as disposições de prazos em quanto ao processo de recenseamento estatuido na ultimamente approvada.

As eleições deverão ter logar nas respectivas parochias em o domingo 1.º de Janeiro.

Chegou o principe Leopoldo de Hohenzolern, cunhado de sua magestade o senhor D. Pedro v. Foi recebido no seu desembarque no arsenal de marinha por el-rei seu cunhado, que o conduziu na sua carruagem a palacio.

— As pessoas mais bem informadas nas noticias da côrte asseguram que o principe recém-chegado vem pedir a mão da senhora infanta D. Antonia.

— Noticias de Saxonia são lisonjeiras em quanto á saúde da nossa serenissima senhora infanta D. Maria Anna, que se achia em estado de gravidez.

— Celebraram-se em S. Vicente de Fora as sollemnes exequias annuaes pela augusta rainha a senhora D. Maria II. O templo esteve cheio de deputações de todas as hierarchias, repartições, e classes da sociedade, fazendo-se no decurso d'esse dia no castello, fortalezas, e embarcações de guerra as usuas demoustrações funebres.

— No dia 14 tambem se celebraram na egreja patriarcal sollemnes exequias anniversarias pela alma do fallecido patriarcha D. Guilherme I, cujos restos mortaes tinham precedentemente sido transferidos do cemiterio do Alto de S. João para o respectivo jazigo.

— O rendimento da alfandega de Angra do Heroismo, no mez de Outubro findo foi de 1.865,8673 réis.

A egreja do largo da Annunciada, que é a nova parochia de S. José, vae ser concluida agora, e para tal fim, além do dinheiro que já ha em caixa, se principiou o peditorio por pessoas da freguezia, e varios cavalheiros abastados da capital.

O nosso autor theatral, José Romão, acaba de escrever para o theatro do Rio de Janeiro um drama intitulado o Cerco do Porto.

No dia 5 do corrente houve uma batalha entre os francezes e as tribus marroquinas Mabias e Angadas na fronteira d'Argel. O resultado d'esta batalha foi favoravel aos francezes, e o commandante em chefe d'essas forças enviou o seu ajudante de campo a Paris a apresentar ao imperador duas bandeiras apprehendidas ao inimigo, varias armas de preço, como espingardas, sabres e punhaes que se tomaram aos chefes marroquinos, tanto no referido dia, como no ataque de Taforalt.

Garibaldi foi felicitado por uma deputação da sociedade typographica de Niza. N'essa occasião recebeu das mãos da deputação uma corôa de louro, ornada de fitas tricotores franjadas de prata.

Em Bolonha, houve um movimento revolucionario, cercando-se o palacio do governador. Unicamente se pôde distinguir no tumulto vivas a Garibaldi.

Nota-se nos Estados Unidos symptomas de decomposição social, e considera-se actualmente

como ameaçador para a unidade da confederação d'aquella republica. Ha poucos annos ainda ali existiam vinte partidos, mas todos estes estão hoje reunidos, uns ao lado do partido democratico da escravidão, e os outros apar do republicano opposto á escravidão.

As fortificações da Prussia não se limitam aos trabalhos das costas, hão-de estender-se tambem a algumas praças fortes do paiz, como Konigsberg, Weichseldund, Pillan, Kolberg, e Coblentz.

Pelos tratados de Zurich o imperador d'Austria renuncia por si, e por todos os seus descendentes e successores, em favor do imperador dos francezes, os seus direitos e titulos sobre a Lombardia; e Napoleão transfere estes direitos e titulos ao rei da Sardenha.

Exceptuam-se da precedente cessão as fortalezas de Peschiera e Mantua, e os territorios marcados em a nova delineação, que continuam sendo possessão de sua magestade imperial e real austriaca.

Merece attenção esta nova fronteira. E' a seguinte:

Partindo do limite meridional do Tyrol sobre o lago de Garda seguirá por meio d'este até á altura de Bardolino e Manerba; desde onde se reunirá em linha recta ponto de intersecção da zona de defesa da praça de Peschiera e do lago de Garda. Esta zona será determinada por uma circumferencia, cujo raio medio a partir do centro da praça se fixa em tres mil e quinhentos metros mais, a distancia do centro á esplanada do forte mais distante do ponto de intersecção da circumferencia assim limitada pelo Mincio. A fronteira seguirá o leito do rio até Grazia, e d'aqui se estenderá em linha recta até Scorzario, e seguirá tambem o leito do Pó até Suzzara.

Por este tratado se declara livre a navegação do lago de Garda, mas comtudo sujeita aos regulamentos particulares dos portos, e da policia ribereana.

A liberdade da navegação do Pó, e suas afluentes, continua igualmente garantida por este tratado.

O general Martimprey deu por concluida a actual campanha com as tribus marroquinas, e n'uma ordem geral despediu-se dos seus soldados.

O duque de Modena acaba de passar revista ás suas tropas, na fronteira da Italia central, e regressou depois a Vienna. Vê-se d'esta noticia que se prepara para reassumir o seu direito.

São immensos os triumphos que madame

Ristori ganhou no Porto nas representações que a insigne artista tem dado.

— A celebre tragica findas as representações que se compromettera a dar na segunda cidade do reino, regressa á capital a representar ainda uma vez no theatro de S. Carlos, e d'aqui vae a Hespanha.

Antigas guerras dos gregos.

Conclusão.

A estas agitações seguiu-se longo socego. Cada colonia cuidava do seu estabelecimento, da cultura das suas terras, do commercio e das artes. As bellas letras começaram a florecer. Nada lhes deu mais credito n'esse ramo do que as obras de Homero e de Hesiodo, autores contemporaneos, que floreceram pelo anno 168, depois da destruição de Troya. Iphito, rei d'Elida, restabeleceu os jogos olympicos, para serem celebrados de quatro em quatro annos. Toda a Grecia tomou parte n'estes jogos, cujo restabelecimento lhe fixou epoca á chronologia e ás olympiadas. A sua criação precedeu vinte e dois annos a fundação de Roma. Chama-se uma olympiada o espaço de quatro annos completos. Era como o marco da celebração dos jogos d'Iphito.

A Grecia achava-se muito dividida para que possesse ter socego: a tantos reinos e cidades livres, em tão bello mas pequeno paiz, não podiam faltar motivos de guerra. O desejo de estender o dominio, o receio do jugo estrangeiro, a inveja, e os maus procedimentos causaram continuas luctas entre estes pequenos estados, que quanto mais se multiplicavam, menos socego tinham. A Grecia, rica e poderosa, esteve sempre em guerra para ter a paz. O Peloponeso foi o seu primeiro theatro, trinta e oito annos depois do restabelecimento dos jogos olympicos.

Os messenios haviam insultado as damas de Lacedemonia, e matado o rei d'esta cidade, que lhes exigira satisfação de tal attentado. Os lacedemonios, resoltos a vingar esta dupla affronta, armaram-se, e obrigaram-se por juramento a não largar as armas em quanto os messenios não fossem castigados. Entraram em campanha no segundo anno da nona olympiada. Deram tres batalhas aos messenios com duvidoso exito, e perderam a quarta; mas a falta de viveres obrigou os messenios a submeterem-se aos seus inimigos, depois de se terem defendido por vinte annos.

Trinta e oito annos supportaram os messenios o jugo dos vencedores; porém, pareceu-lhes tão pesado, que resolveram livrar-se d'elle ou morrer. Elegeram Aristomeno para commandal-os; e, cheios da coragem que inspira o desespero, caíram sobre os lacedemonios, alcançaram completa victoria, e expulsaram-n'os dos seus estados.

Confusa pela derrota, Lacedemonia consultou o oraculo de Delphos sobre a resolução que devia tomar. A resposta foi, que era preciso pedir um general aos athenienses. Estes, maravilhados pela humilhação de Sparta, deram-lhe por irrisão Tyrteo, côxo e de estatura disforme, mas bom poeta. Não era isto o que os lacedemonios pediam; no entanto foi o que os salvou. Surprehendidos da figura de Tyrteo, não sabiam o que deviam pensar do oraculo, nem dos athenienses. Concluidas as reflexões, reconheceram o poeta por general. A sua surpresa, porém, subiu de ponto, quando perceberam que, em vez de dedicar o tempo aos exercicios militares, empregava-o em compor versos. Eram odes sobre o amor da liberdade e da gloria. Quando os concluiu, reuniu as suas tropas, e fez cantar os seus versos. Como possuia imaginação ardente, encheram-se de fogo marcial capaz d'inspirar coragem aos mais fracos. Vendo os soldados animados d'este fogo, apresentou batalha ao inimigo, que, carregado com grande impetuosidade, foi completamente derrotado. Tyrteo perseguio os fugitivos, e sitiou uma escarpada montanha, onde se tinham refugiado. Um cerco de onze annos descoroçoou os messenios. A maior parte entregou-se; e todo o paiz se submetteu á Lacedemonia. Os outros salvaram-se por mar, e aportaram a Zancle na Sicilia, a que chamaram Messina, onde acharam os seus antigos compatriotas, que para ali se tinham retirado de-

pois da primeira guerra. Esta durou doze annos.

A algumas guerras menos importantes succedeu a da Persia. Os athenienses sublevaram contra Dario Hystaspe todas as cidades gregas da Asia. Esta guerra envolveu toda a Grecia, e foi continuada nos reinados de Dario, Xerxes, e Artaxerxes Longamão. Aos gregos coube inteira a gloria.

Desembaraçada da guerra da Persia, a Grecia tornou a submergir-se nas luctas civis. Pelos fins da octogesima setima olympiada, todo o Peloponeso se uniu contra os athenienses por causa de Pericles, que, dominando em Athenas, empregara immensas sommas em embellezar a cidade. O seu poder sem limites suscitara-lhe emulos na patria. Estes induziram o Peloponeso a pedir-lhe contas de sete mil talentos, pagos anticipadamente pelos estados d'esta peninsula para a defesa commum. Pericles recebeu tal proposição como uma injuria, e recusou dar contas.

Um exercito de mais de sessenta mil homens dos alliados invadiu as terras dos athenienses, que, mais fortes no mar, accommetteram as dos confederados. O paiz foi devastado, e tomaram-se cidades d'uma e outra parte. Por fim vieram ás mãos: duas batalhas perdidas em terra, uma em Delia na Beocia, outra junto do rio Agos, e duas no mar proximo das costas da Sicilia, reduziram os athenienses á ultima extremidade. Vinte e sete annos de guerra domaram a orgulhosa indole d'Athenas, que se rendeu, e foi destruida.

Vendo Lacedemonia que o orgulho intempestivo precipitara Athenas, sua rival, devia tornar-se moderada; porém ensoberbecu-se e fez-se ambiciosa. Julgou-se no auge do poder no Peloponeso e em toda a Grecia, e os seus passos tendiam para a monarchia universal do paiz. Embalada n'esta esperanza pelo joven Cyro, rei da Asia menor, que disputava a seu irmão Artaxerxes o imperio da Persia, Sparta enviou-lhe dez mil homens de tropas auxiliares sob o commando de Xenofonte. Eram as melhores tropas do mundo commandadas por um grande general: não obstante, Cyro, opprimido pelo numero, perdeu a batalha e a vida. E os dez mil lacedemonios não colheram d'esta expedição senão a gloria de haverem combatido valorosamente, e de fazerem a mais bella retirada que até então se tinha visto.

O orgulho de Lacedemonia augmentou com o estrepito de tão gloriosa retirada. As suas arrogancias indignaram os thebanos. Estes, possuindo boas tropas, um grande general na pessoa d'Epaninondas, e bem provido o thesoiro, emprehenderam abater os lacedemonios. O principio da guerra foi brilhante para os thebanos; mas depois, aquelles surprehenderam o forte Cadmeo, que servia de cidadella a Thebas, e apoderaram-se da cidade.

Quatro annos depois, os thebanos recobram o forte Cadmeo, Thebas, e a liberdade. Então todos os estados da Grecia, temendo passar successivamente ao jugo dos lacedemonios, formaram uma colligação com os thebanos. Sparta, a ponto de ser abatida, implorou o socorro dos persas. O rei da Persia, Artaxerxes Mnemon, ameaçou os alliados de investil-os com todas as suas forças, se não deposessem as armas, e deslizessem a liga. Só os thebanos desprezaram as ameaças dos persas, e alcançaram a celebre victoria de Leuctres, no segundo anno da centesima segunda olympiada. Epaninondas, a quem se deveu o exito d'esta batalha, estendeu as suas conquistas á Lacedemonia, e poz-lhe cerco. O rei da Persia offereceu ás partes beligerantes a sua mediação, que foi acceita, e a paz concluida com a condição que Lacedemonia tornaria a ter os antigos limites, e que a todas as cidades ou estados da Grecia seria dada a liberdade.

Esta paz motivou bastantes sedições, e nova guerra. Os mantineanos quizeram a liberdade, e separaram-se dos arcades que os tinham subjogado, implorando o socorro de Thebas. Os arcades interessaram a Lacedemonia na sua pendencia, e rebenou a guerra. Epaninondas derrotou os lacedemonios e os arcades, no famoso combate de Mantinea, e morreu das feridas recebidas no campo da honra. Mantinea adquiriu a paz e a liberdade á custa da vida d'este grande capitão.

O anno seguinte viu nascer a guerra dos alliados: era Bisancio, Rhodes, as ilhas de Coos e de Chio, e Mausolo, rei de Caria. Descontentes pelos

designios d'Athenas, tinham jurado a sua ruina. Cabrias, general dos athenienses, destrou-os confederados, e morreu no campo de batalha. Os vencedores, sabendo que Mausolo se aproximava á frente de numeroso exercito, offereceram a paz aos vencidos, e ratificaram-na antes da chegada dos carianos, no quarto anno da guerra. Mausolo, satisfeito com as condições, voltou para os seus estados.

A guerra sagrada, assim chamada por ser emprehendida para vingar a honra dos deuses, seguiu-se immediatamente á dos alliados. Os lacedemonios tinham-se apoderado de Cadmeo, contra o espirito dos tratados; e os de Phocida invadiram um campo consagrado ao templo de Delphos. O Amphiction condemnou uns e outros a restituirem, e ao pagamento d'uma somma consideravel. Uns e outros mofaram da sentença; e os de Phocida, para melhor mostrarem o desprezo em que a tinham, roubaram o templo de Delphos. Este successo armou o zelo de toda a Grecia, contra estas duas potencias sacrilegas, e durou dez annos a guerra.

Os culpados, sustentados pelos athenienses, alcançaram ao principio grandes vantagens sobre os confederados; mas tendo os thebanos chamado em seu auxilio a Philippe, rei de Macedonia, este principe derrotou o chamado exercito dos sacrilegos, passou os de Phocida á espada, arrasou-lhes as cidades, e forçou os lacedemonios á restitução e ao pagamento da somma. Algum tempo depois alcançou contra os athenienses uma grande victoria, e honrou-se mais pela moderação para com os vencidos do que pela coragem no combate.

Philippe era modestamente ambicioso. Queria ser senhor da Grecia sem o parecer. Adquiriu em toda ella tal autoridade que não differia de soberania. Submetteu as cidades importantes, umas pelas armas, outras pelos estratagemas: dizia que estava certo de tomar uma cidade quando lá podia fazer entrar um mulo carregado de dinheiro. Vendo-se com exercito aguerrido, e grandes thesouros, concebeu o projecto de conquistar o imperio da Persia e fez-se nomear, nos estados geraes da Grecia, generalissimo das tropas que esta devia ministrar para tal empresa. A morte porém surprehendeu-o no decurso dos seus preparativos.

Estava reservada para seu filho Alexandre a gloria da execução d'esse grande projecto. * * *

Strasburgo.

Sobre o rio d'Ill, que a atravessa proximo do Rheno, está agradavelmente situada a cidade de Strasburgo, que é das mais consideraveis de França. Tem uma grande ponte sobre o segundo d'aquelles rios. É a capital do departamento do Baixo-Rheno, e a sua população eleva-se a sessenta e cinco mil habitantes. Possui um tribunal de primeira instancia e de commercio, academias de medicina, de direito, de sciencias e de letras; collegio, escolas de pharmacia e veterinaria, museu, bibliotheca publica, muitas e diversas fabricas, etc.

Entre os monumentos publicos, admira-se a cathedral, uma das mais bellas da Europa, e cuja torre mede quinhentos e setenta e quatro pés d'altura; e tem tambem distincto logar a casa da camara e o hospital.

O antigo bispo de Strasburgo tinha, na margem direita do Rheno, um territorio de oito leguas quadradas, que foi cedido como indemnisação ao grã-duque de Baden.

Tendo pertencido á Alemanha, postoque ha dois seculos faça parte do territorio francez, Strasburgo conta entre os seus habitantes grande numero de protestantes, cuja religião sempre ali foi tolerada.

Ha sessenta annos.

Noticias curiosas do anno de 1790, relativas a Portugal.

Transporte-se o leitor ao dia 1.º de Janeiro de 1790, (e quantos o não desejariam verificar!) supponha que já então existiam jornaes em Portugal, e que está a ler o curioso *Noticiario* de uma folha periodica: cremos que lhe não desagradarão as no-

ticias que vamos apresentar-lhe, e que até encontrará unido n'estes apontamentos o util com o agradável. Menos curioso é o livro do doutor Duarte Nunes de Leão, que tem por titulo *Descrição do reino do Portugal*, escripto no anno de 1599, e comtudo ainda hoje é estimado dos eruditos. Igual sorte desejamos a estas paginas.

Estado ecclesiastico em 1790.

- 1 Patriarcha (de Lisboa).
- 5 Arcebispos (de Lacedemonia, vigario geral do patriarchado; de Braga; de Evora; da Bahia; de Goa.)
- 33 Bispos (do Algarve; de Aveiro; de Beja; de Bragança e Miranda; de Coimbra, conde de Arganil; de Castello Branco; de Etalonia, deão da capella real de Villa Viçosa; de Elvas; da Guarda; de Lamego; de Leiria; de Pinhel; de Portalegre; do Porto; de Vizeu; de Angra; de Cabo Verde; de Cochim; do Funchal; de Macau; do Maranhão; de Marianna; de Nankin; de Pekim; do Pará; de Pernambuco; de Pentacomea, prelado de Moçambique; do Rio de Janeiro; de S. Paulo; de S. Thomé; d'Angola; de Malaca).
- N. B. Em o numero d'estes prelados incluíam-se os nomes assaz conhecidos de D. fr. Caetano Brandão, D. Francisco Gomes, D. fr. Manuel do Cenaculo, e D. fr. Alexandre da Sagrada Familia.
- 12 Principaes da patriarchal, (com o vencimento annual de doze mil cruzados cada um).
- 35 Monsenhores, (a quatro mil cruzados annuaes cada um).
- 13 Conegos da patriarchal, e 23 da sé ou basilica de Santa Maria Maior, (a conto de réis cada um).
- Existiam então no reino 3915 freguezias, 415 conventos de frades e 104 de freiras.

Ordens militares.

Foi instituida a dignidade de *grã-cruzes* das tres ordens militares então existentes (Christo, Aviz e Santiago) pela lei de 19 de Junho de 1789, e nomeados os primeiros dignatarios a 15 de Setembro do mesmo anno, es quaes todos existiam em Janeiro de 1790, e eram:

Da *ordem de Christo*: o senhor D. Antonio (um dos *meninos* de Palhavã) *clavreiro*; o duque de Lafões, *alferes*; o visconde de Villa Nova da Cerveira, o marquez de Lavradio, o conde de Resende, e o conde de Povolive.

De *Aviz*: o senhor D. José (outro *menino* de Palhavã) *clavreiro*; o marquez das Minas, *alferes*; D. Vicente de Sousa Coutinho.

De *Santiago*: o marquez de Marialva, *clavreiro*; Martinho de Mello e Castro, *alferes*; D. Diogo de Noronha.

Casas titulares.

- 2 Duques.
- 15 Marquezes.
- 30 Condes.
- 7 Viscondes.
- 1 Barão.

Secretarias, tribunaes, escolas, e outras estações publicas.

Eram n'esta data secretarias d'estado:

O visconde de Villa Nova da Cerveira, ministro assistente ao despacho do gabinete, e presidente do real erario.

José de Seabra da Silva, ministro dos negocios interiores do reino. (*)

Martinho de Mello e Castro, ministro da marinha e dominios ultramarinos.

Luiz Pinto de Sousa Coutinho, ministro dos negocios estrangeiros e da guerra.

Secretarias d'estado — 3.

(*) Era então official d'esta secretaria, depois de dezesseis annos de peditorio em verso e em prosa, o faceto poeta Nicolau Tolentino de Almeida.

- Conselho de guerra.
- Mesa do desembargo do paço.
- Casa da supplicação.
- Relação do Porto.
- Relação do Rio de Janeiro.
- Relação da Bahia.
- Relação de Goa.
- Conselho geral do santo officio.
- Inspecções de Lisboa, Coimbra, Evora e Goa.
- Real mesa da commissão geral sobre o exame e censura dos livros.
- Conselho ultramarino.
- Mesa da consciencia e ordens.
- Real erario.
- Conselho da fazenda.
- Junta dos tres estados.
- Junta da bulla da cruzada.
- Juizo da collecta.
- Junta da administração do tabaco.
- Inspecção do plano para a reedificação da cidade de Lisboa.
- Inspecção das obras publicas.
- Thesourarias geraes das tropas (em Lisboa, Elvas e Porto).
- Arsenal do exercito. (*)
- Armazens de Guiné, India e armadas reaes.
- Ribeira das naus.
- Feitoria-mór das alfandegas do reino.
- Alfandega grande de Lisboa.
- Alfandega das sete casas.
- Alfandega do tabaco.
- Alfandegas maritimas e de portos seccos em varios pontos do reino e colonias.
- Juntas de fazenda no ultramar.
- Casa da India, em Lisboa.
- Casa da moeda.
- Terreiro de Lisboa.
- Superintendencias da decima.
- Chancellaria-mór da côrte e reino.
- Chancellaria da côrte e casa da supplicação.
- Chancellaria da cidade.
- Archivo real da Torre do tomo.
- Registro das mercês.
- Intendencia geral da policia.
- Casa pia do castello de S. Jorge.
- Junta do estado e real casa de Bragança.
- Conselho da real casa e estado das rainhas de Portugal.
- Junta da serenissima casa do infantado.
- Mesa prioral do Crato (ordem de Malta).
- Nunciatura apostolica.
- Curia patriarchal, ou relação ecclesiastica.
- Assemblea de Malta.
- Senado da camara da cidade de Lisboa.
- Camaras nos diversos concelhos do reino e possessões.
- Junta do deposito publico.
- Real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação.
- Mesa do bem commum dos mercadores.
- Junta da administração dos fundos da companhia de Pernambuco e Parahiba.
- Idem, do Grão-Pará e Maranhão.
- Mesas das misericordias.
- Junta do Proto-medicato.
- Junta da revisão do novo codigo.
- Universidade de Coimbra.
- Real collegio dos nobres.
- Academia dos guarda-marinhas.
- Academia real de marinha.
- Aulas de fortificação, risco, e artilharia.
- Escolas de latim em Lisboa — 9.
- de grego — 1.
- de rhetorica — 3.
- de philosophia racional e moral — 6.
- de desenho — 1.
- de architectura — 1.
- Real collegio de Mafra.
- Academia real das sciencias.
- Junta da companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro.
- Correio-mór do reino.
- Administração da illuminação da cidade.
- Continua. B.

(*) Ainda n'este tempo era inspector das fundições n'aquelle arsenal o marechal de campo Bartholomeu da Costa, celebre pela fundição de estatua equestre.

A torre de Londres.

Este edificio é dos mais notaveis e antigos de Londres. A fortaleza foi erecta por Guilherme o Conquistador em 1077 para segurar a retirada de suas tropas em caso de necessidade.

Posteriormente serviu de residencia real, e alojou diversos monarchas, o que deu logar ao augmento interior dos aposentos, de forma que mais parece uma villa do que uma prisão d'estado. A torre é separada do Tamisa por um estreito fosso. Quatro portas em linha recta dão entrada para a praça.

A fama d'este edificio vem-lhe de ser um deposito de tropheos militares, armaduras de todas as epochas e outros monumentos da arte militar.

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO ESCRIVÃO DA PURIDADE CONDE DE CASTELMELHOR.

Continuação.

Castelmelhor reconhecia que não havia outro caminho para sair d'estes embaraços senão a mediação da rainha, e asseverava estar resolvido a submeter-se-lhe: entretanto differia de dia para dia depreca-a por intermedio do conselho. Em fim na noite de 10 para 11 d'este mez houve no noviciado dos jesuitas, na cella do padre de Villes, na presença d'este e do reitor, uma conferencia a tal respeito, que durou tres horas, entre o conde da Torre, e Henrique Henriques. D'ella resultou o seguinte escripto, que Henrique Henriques dictou ao padre reitor:

« I. — Que neste negocio a rainha nossa senhora será medianeira para o ajustar na parte de maior difficuldade.

« II. — Parece a Henrique Henriques que o conde de Castelmelhor, pela vontade que tem de dar gosto a s. a., e obedecer em tudo, pedirá a s. m. que nenhum negocio do reino se disponha sem que a rainha nossa senhora, e s. a., sejam sabedores d'antes, para se obrarem com sua approvação, e para este effeito assista a rainha nossa senhora e s. a. em todos os conselhos e despachos, e parece a elle Henrique que nesta forma se deve usar em todas as mais resoluções, que não pertencem ao despacho, e forem secretas e particulares.

« III. — E eu padre Manoel Fernandes, da companhia de Jesus, ouvi dizera Henrique Henriques, que o conde de Castelmelhor está já com grande vontade de extinguir o officio de escrivão da puridade, para que o dito officio se reparta por aquelles ministros que a s. m. parecer, ficando aos secretarios a assignatura, como se fazia no tempo de elrei D. João, que Deus tem.

« IV. — Que todos os fidalgos presentes e ausentes ficarão em sua liberdade para virem á côrte ou aonde lhes parecer.»

No mesmo dia 11 começou logo todo o ajuste da vespera a transtornar-se. Castelmelhor testemunhou ao abbade Bani, e a muitos outros, que estava mui longe de partilhar os sentimentos de Henrique Henriques, dos quaes chegou a mofar. Confiado no que ouvira, e parecia adherencia da parte do principe a taes proposições de accommodamento, exclamou que tinha ganho; e que não fallassem mais na sua separação. Em seguida fez escrever ao infante, em nome do rei, a carta datada do mesmo dia 11, esperando acabar primeiro a accusação do infante por meio da rainha, e deliberar depois com vagar sobre as condições da accommodação.

«Muito honrado e muito amado irmão. Eu elrei vos envio muito saudar como aquelle que muito amo e préso. Vi a carta que me escrevestes de 9 do corrente, e sempre tenho que agradecer-vos no accommodardes-vos á minha resolução, ficando-me o conhecimento de que entendeis que aquellas que eu tomo são sempre as que mais convem a mi e a vós. Amo-vos como filho, e quando não houvera mais que esta razão, pederosa fóra para vos desejar o que melhor vos estivesse.

«Sobre este particular de que me escrevestes

já vos mandei declarar, que estava prestes para fazer justiça, logo que os documentos por onde a havia de fazer me chegassem. E quanto á outra parte de intentardes vosso retro, quero que traqueis esta resolução, e venhaes a mi, donde achareis sempre os braços abertos para vos receber nelles com aquelle amor que pede a razão de vos ter por irmão, por amigo e por filho o successor destes reinos, em quanto Deus mos não der, e na falta de os ter, me heide consolar muito: permita o mesmo Senhor que sejaes vós quem os possuua quando sua divina magestade fór servido.—Escripta em Lisboa a 11 de septembro 1667.

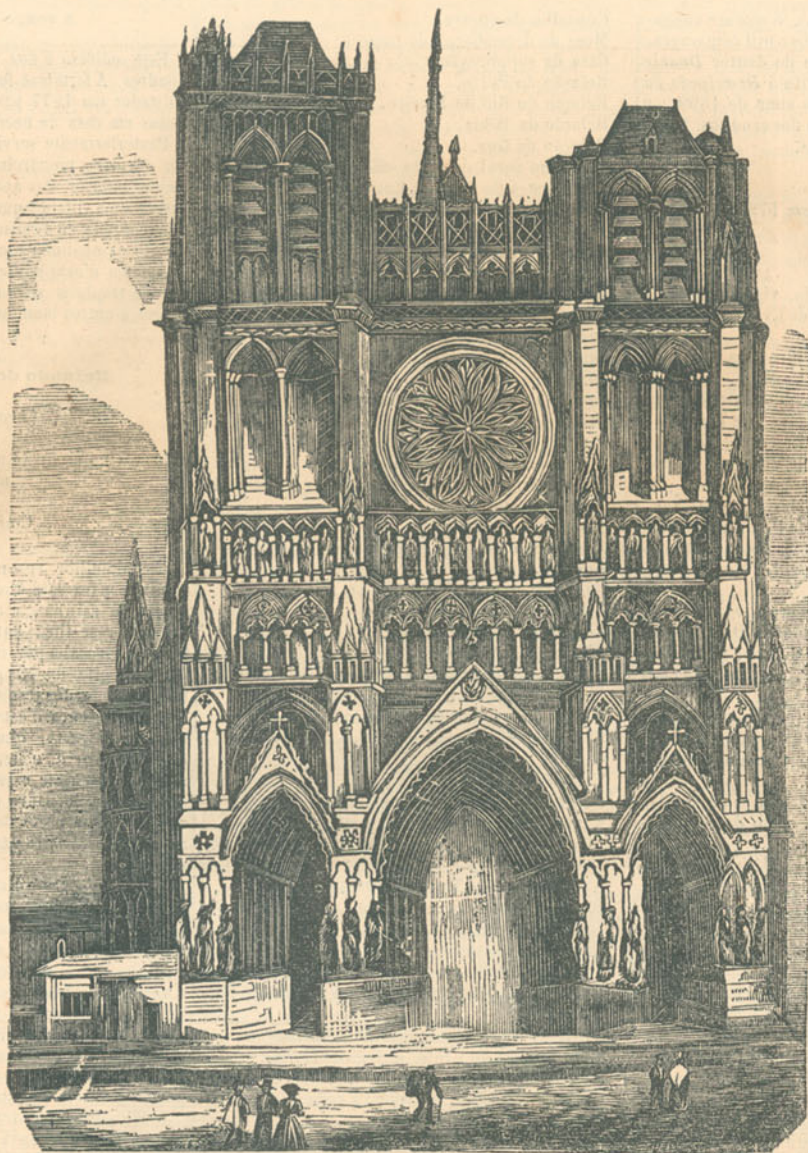
Continua.

JOSÉ DE TORRES.

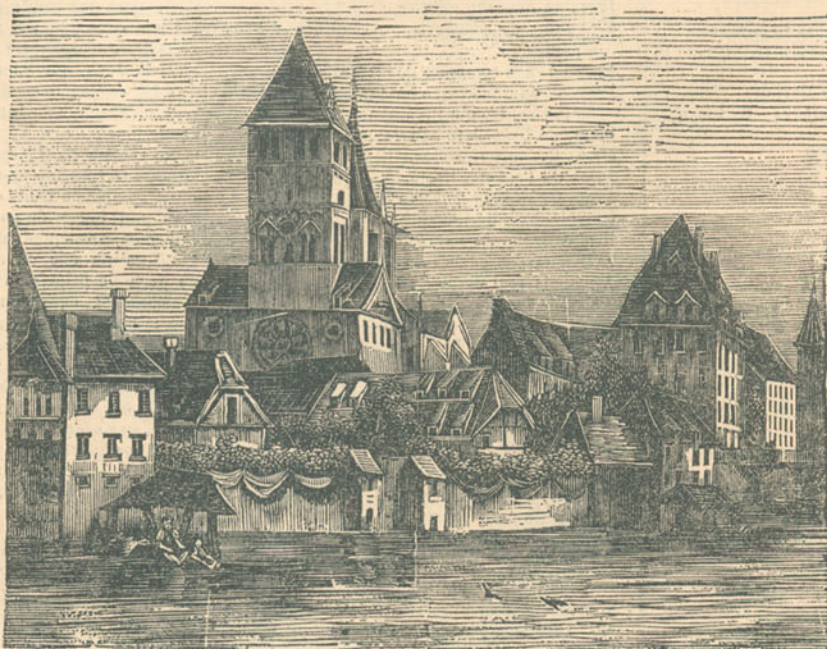
Casa da camara de Lovaina.

Lovaina, que os francezes chamam Louvain, sobre o Dyle, está dezeseis milhas inglezas ao nascente da capital da Belgica, Bruxellas. Antigamente foi capital do ducado de Brabant, e então era das maiores, mais ricas e commerciaes cidades dos Paizes-Baixos: o seu negocio principal derivava das numerosas fabricas de pannos de lã, que possuia, e em que se occupavam no seculo xiv, segundo alguns escrevem, cento e cincoenta mil pessoas; mas o numero parece exorbitante e exagerado.

Em 1383 rebelou-se o povo contra seu principe, o duque Venceslau, e lançou os magistrados pelas janellas fora da casa do municipio; porém foi desbaratado e teve de implorar perdão: os mais culpados foram punidos, e os teceões, primeiros autores da revolta, foram desterrados: a maioria d'elles retirou-se para Inglaterra, onde introduziram a manufactura de lanifícios, que tem sido uma das fontes da riqueza d'aquelle paiz. D'esta perda nunca Lovaina se restabeleceu: as suas fabricas de pannos hoje são muito poucas e de pouca importancia: o commercio que principalmente agora faz consiste na manipulação e venda de cerveja, que é muito estimada em toda a Belgica e n'outras partes; diz-se que exporta annualmente cento e cincoenta mil caseos d'esta bebida: tem além d'isso alguns estabelecimentos que fabricam vinagre, outros de refinassar, e algumas tinturarias. A sua população ao



Sé d'Amiens.



Strasburgo

presente não chega a vinte sete mil almas; isto é, apenas a sexta parte do que era ha quinhentos annos.

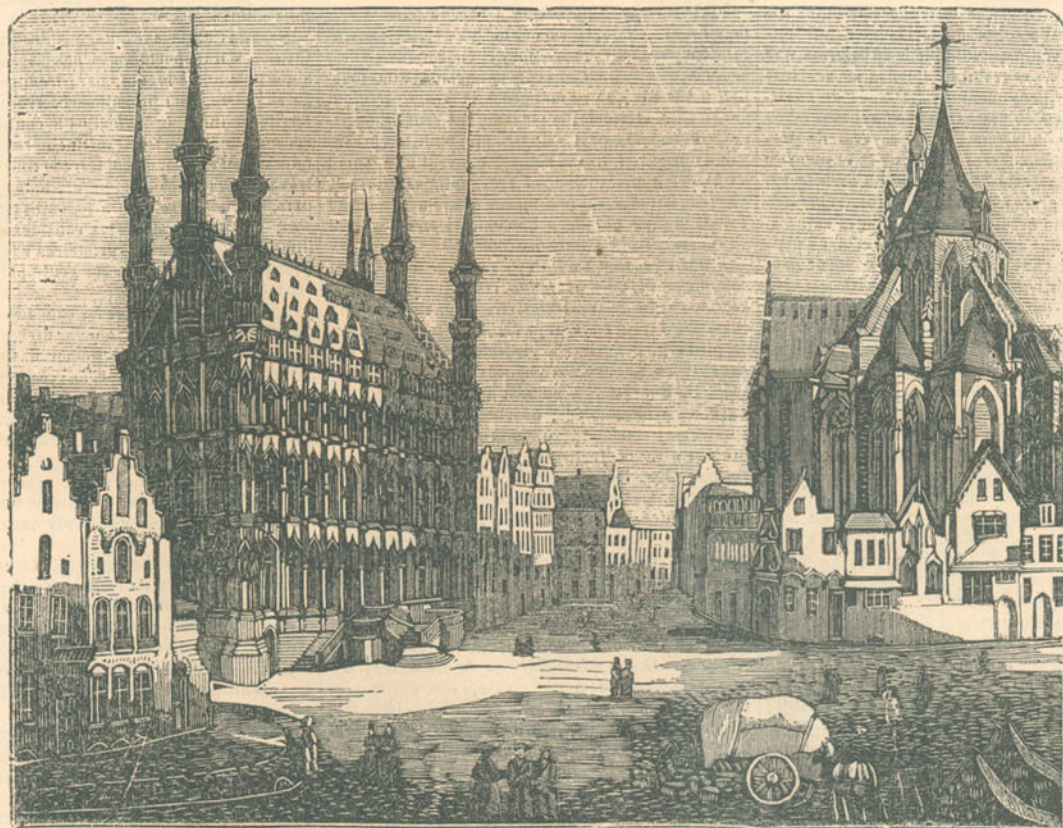
Outro fundamento da nomeada de Lovaina foi a sua famosa universidade, uma das principais do continente europeu, fundada em 1426 pelo duque João iv, com approvação do papa Martinho v. Constava de trinta e sete collegios, e floresceu até cair em os Paizes Baixos em mãos dos francezes, que a supprimiram em 1793 e converteram o edificio em hospital d'invalidos. Porém em 1817 foi restaurada por um decreto de Guilherme i, rei actual da Hollanda e então de todos os Paizes-Baixos: é novamente instituido acreditado, conta setenta professores, e a frequentam de quatrocentos a quinhentos estudantes. Entre os lentes que a illustraram numeram-se o celebre critico, Justo Lipsio, natural das visinhanças de Bruxellas: a casa em que elle morou em Lovaina ainda está de pé, e se mostra n'uma das ruas principaes; consta de um andar sómente.

A igreja de S. Pedrona praça do mercado d'esta cidade é dos mais bellos templos da Belgica: e a casa do municipio ou camara, dada na nossa gravura, goza a merecida reputação de ser o mais excellente edificio gothico em todos os Paizes-Baixos: poz-se-lhe a primeira pedra em 1440, e completou-se em dez annos: encerra pinturas d'estimção, e varios aformoseamentos interiores, que lhe fizeram no seculo passado: o exterior foi reparado ha coisa de seis annos com o maior cuidado.

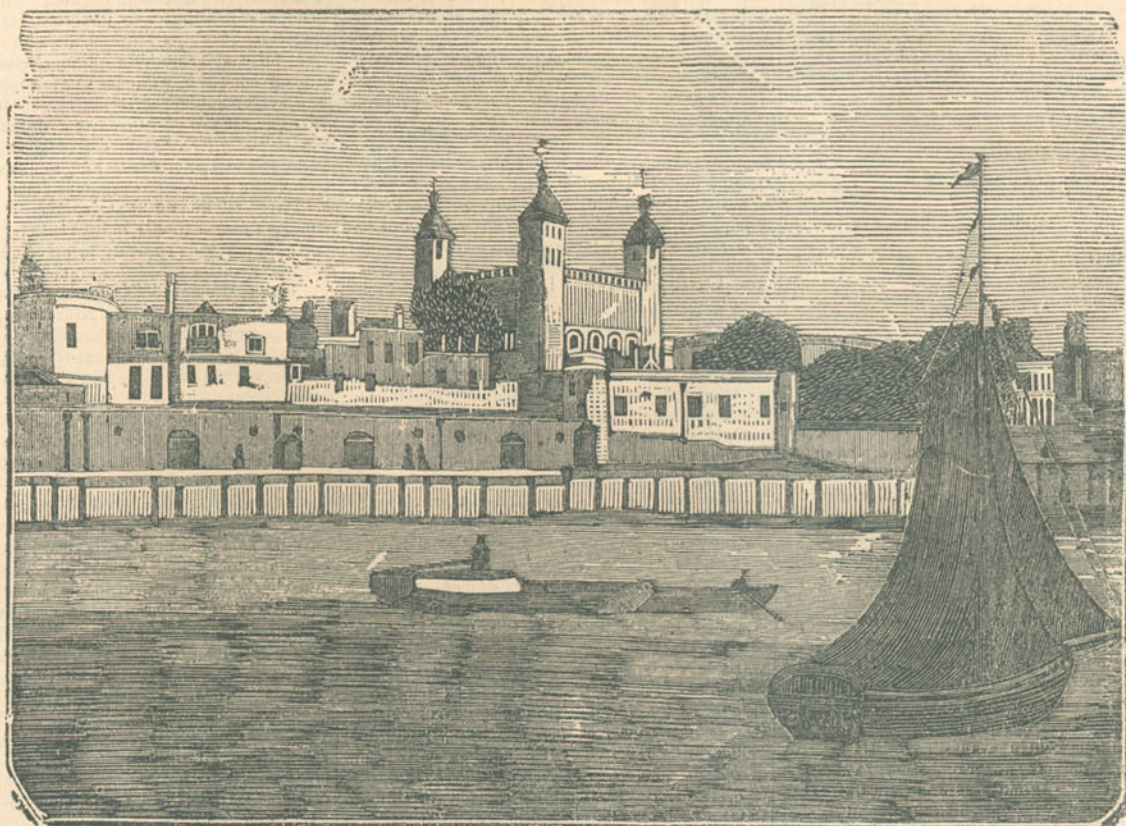
Sé d'Amiens.

Este templo é dos mais notaveis monumentos religiosos de França. Mr. Olivier de S. Albin faz d'elle a seguinte descripção:

«Quem admirar os mimosos labores arrendados da cantaria, e os frisos gigantes, que sobresaem na denegrida cór d'essas paredes antigas; quem contemplar essas agulhas de mármore, altas e delgadas, que parece rompem pelo azul do ceo, poderá imaginar que approve ao genio dos pristinos tempos cercar a basilica com os magicos encantos das fadas e derramar por ella as doçuras de remotas recordações. Por vezes a ave curpidora, habitante perpetua dos torreões, pousa immovel sobre uma columna, e figura mais uma estatueta que os seculos ac-



Casa da camara de Lovaina.



A torre de Londres.

crecentaram ao monumento. As pilastras *aerías*, que sustentam abobadas, que ainda mais suspensas no ar parecem, a torrinhã por entre cujos lavores se descobre a claridade e por onde brincam os ventos, a infinidade de galerias, que reciprocamente se cruzam levantadas ao ar, inspiram graciosos pensamentos repassados de suavidade. De estatuas colossaes de monarchas se adorna o sombrio frontispicio, a que servem de porticos duas soberbas torres: a seus pés erguem-se tres apêndices magestosos, por onde a architectura espalhou as graças de seus ornatos, representando um sem numero de scenas, criação extravagante do genio dos antepassados, que com as mais sagradas ceremonias misturavam os quadros profanos, que lhes lembravam no delirio de sua viva imaginação. Columnas espiraes com sua folhagem d'acantho, estatuas pardacentas, esquecidas pelas revoluções, enfeitam o atrio do templo. Mas quando, entradas as portas, a vista se alonga pela immensidão da cathedral, e os sons maviosos do órgão quebram o silencio, reboando pelas abobadas escuras, sobe de ponto a admiração, o extasi. Essa nave tão vasta, da altura prodigiosa de cento e trinta pés, que as edades anteriores viram com assombro, ainda é em nossos dias admirável pela desaffrontada e audaz projecção dos cimbres e de todo o arqueamento, conciliando-se n'esta obra a sinzeleza e a magestade. E' tudo harmonioso e suave na elegante fabrica das galerias de engraçadas curvas, como nas esbeltas columnas.

Continua o citado escriptor descrevendo as belezas e memorias historicas da sé d'Amiens; e conclue da maneira seguinte o seu artigo:

«Quem folgar de se embeber na contemplação dos tempos antigos, quando ao declinar da tarde, a luz, transparecendo pelas frestas gothicas, cobre de melancolia indizível todos os objectos, confundindo as côres; quando os vultos das columnas se escondem nas sombras, quebrantando a calada solidão apenas a voz do sagrado levita, que psalmêa; achará que o genio da antiguidade o bafejou com o sopro e perfume de poeticas e santas meditações: porque um nobre e sublime pensamento presidiu á erecção d'essa obra immensa, e essas altas e delgadas torres, essas agulhas de pedra tão leves á vista, são como outras tantas escadas por onde a alma se avizinha ao limiar da eterna morada. Porém quando em nossos tempos uma cidade, em que as artes se cultivam, vê erguer no seu recinto templos com as formas da antiguidade pagã, com tectos chatos, columnas pesadas e maciças, a alma n'aquellas galerias acanhadas sente a falta d'ar e de espaço para tomar vôo e remontar-se ao ceo.»

Quadras historicas.

Continuação.

V

AS CRUZADAS.

Os resultados da primeira cruzada, menos favoraveis do que se pensara, parecia deverem afrouxar o zelo religioso dos christãos. Não foi porém assim.

As continuas luctas em que no Oriente se debatiam os novos possuidores de Jerusalem com os povos circumvisinhos; os soccorros que o Occidente estava successivamente prestando áquella nova monarchia, que a não ser isto menos tempo talvez durasse, isolada como estava em paiz todo inimigo; as convulsões politicas que tambem agitavam a Europa, não puderam attenuar os esforços dos christãos, que ambicionavam novas conquistas, onde a espada abrisse o caminho para se adiantar a cruz, isto é, onde as armas derribassem os obstaculos materiales, e a cruz os obstaculos moraes; onde o general se encarregasse da conquista politica, e o sacerdote da conquista espirital, que, a bem pensar, não menos politica era!

O lucto que cobriu grande parte das familias christãs não enluctou as coragens — robusteceram talvez de vigor. Animava-as a vingança. Haviãam os iniciais ceifado, a golpes d'alfange, muitas cabeças queridas, que tinham vingadores no Occiden-

te. As lagrimas queimaram porque eram de fogo; mas o proprio ardor as seccou.

Pacturaram os velhos com a espada para vingar seus filhos. Abraçaram-na os moços — queriam vingança e gloria! E a sociedade christã, viuva da sabedoria que se apartara com os anciãos, e dos bravos instinctos que os mancebos levavam, arrojou, no gigante sacrificio, a pleiyade dos seus filhos para as inhospitas praias do Oriente, onde havia sangue a vingar, loiros a colher, e a cruz na agonia! — Amor, gloria e crença! Tres sublimes palavras, que constituem só por si um grandioso poema! Trindade que prende o homem a Deus — a terra ao ceo — o nada á immensidade!

A dôr com que na Europa se soube a noticia da destruição de uma parte dos cruzados redobrou o energico zelo dos christãos. Eugenio III, que fóra chamado a reger a igreja catholica pela sua grande piedade, concebeu o projecto de convocar novamente as monarchias christãs para segunda cruzada. S. Bernardo, o homem do seculo, por assim dizer, cuja intelligencia e virtudes lhe grangearam a universal consideração, uniu-se ao papa no santo proposito de centralisar os desejos dos diversos povos christãos, fortalecei-os pela junção, e dar-lhes assim os meios de effectuarem a cruzada! As difficuldades desappareceram ante a energia d'este homem — a eloquencia do sabio varão destruiu as objecções. Os soberanos foram convocados por Eugenio; e o imperador da Alemanha, a par de Luiz VII de França, esforçaram-se por tornar brilhante o exito da empresa.

A victoria, infelizmente, engeitara as armas dos cruzados. O subito numero de combatentes, e o valor dos generaes do Occidente, iam destruir-se nas planicies orientaes, de encontro ás cimitarras dos mouros. Os povos que tinham deixado os lares para seguirem a segunda cruzada, instigados pela vingança e zelo religioso, foram encontrar na Palestina a sorte de seus predecessores. O Occidente cedera á santa empresa a maior parte de seus filhos; e ainda esta vez teve de chorar com lagrimas de sangue a perda das suas mais queridas esperanças. Destruida ficou a segunda cruzada. A valorosa intervenção do rei da Sicilia deveu o rei dos francezes o não ficar prisioneiro dos sarracenos.

Estavam infelizes as armas christãs. O Oriente era a garganta de um golpho profundo onde desapareciam os mais valerosos filhos das nossas terras occidentaes, arrojados pelo fervor religioso.

Comtudo ia-se conservando o reino de Jerusalem, ajudado pelos soccorros que a Europa lhe enviava, e durante oitenta e oito annos a sua existencia pareceu dever conservar-se. Mas o herdeiro do throno de Noradino, saindo inesperadamente do Egypto, veio atacar Jerusalem, que se rendeu ao poder do sultão. O papa morreu de desgosto ao saber este fatal acontecimento. O rei de Jerusalem, correndo á Europa, veio procurar outra corôa, enquanto a christandade, deplorando as desgraças da cruz, intentava organizar uma nova expedição para correr á reconquista.

Recobrar o reino de Jerusalem foi então o geral desejo. Precavidos das primeiras desgraças, os christãos propozeram-se a ordenar a expedição de maneira que não tornasse a tentativa igualmente infructuosa. Tres dos principaes soberanos da christandade se pizeram á testa d'esta terceira cruzada; e a organização, disciplina e bom senso com que saíra preparada do Occidente, prometia a todos um bom resultado. As primeiras tentativas foram coroadas de risonhas esperanças; mas causas estranhas ao intento deviam transtornar a victoria das armas christãs. Frederico II, imperador da Alemanha, que era um dos chefes da empresa, e que fóra convocado pela astucia de Gregorio IX, negociou de repente a paz com o sultão para vir salvar os seus estados d'a devastação a que o papa lh'os entregara quando o julgou enlaçado nas guerras do Oriente. Ficou assim infructuosa a terceira cruzada — de todas a que promettia melhor exito — porque o pontifice, para saciar odios particulares, entendeu offerecer-lhe em sacrificio a sorte de um grande exercito, e as glorias da religião!

Estas malaventuradas tentativas não poderam todavia esgotar a energia e esforços da Europa. Ambicionou-se ainda outra expedição: e a voz de In-

nocencio III os povos deixaram novamente as suas terras para correrem as aventuras de uma tão infeliz guerra.

Grandes eram as vantagens dos sarracenos. Os invasores transportaram-se das plagas do Occidente a um paiz quasi ignoto, para irem combater longe da sua terra, sem prompto soccorro dos seus, n'um territorio inimigo, sujeitos a continuas ciladas; em quanto a mourisma, intrincheirada nas suas fortalezas, ou espalhada em terreno conhecido, encontrava amigavel gasalhado em todos os pontos do paiz, e ajuda e reforço a todos os momentos. Por isso, em presença d'estas considerações, e pelos infelizes successos das primeiras expedições, só a França e Italia offereceram gente para esta quarta cruzada.

Ao conde de Flandres foi confiado o commando do exercito. Mas em vez de se dirigir directamente ao seu termo quiz participar das discordias civis que assolavam o imperio grego. Em vez de caminhar para a conquista de Jerusalem, offerece os seus soldados a Aleixo contra seu irmão, que usurpara o throno. Afinal os cruzados levam-se da ambição de sitiãr Constantinopola, e, conquistando-a, ahí fundam o imperio latino, que poucos annos durou. A cruzada, que tinha sido fim principal da empresa, é que ficou esquecida entre tantos feitos d'armas!

Chegámos á quinta expedição, tambem decretada por Innocencio III contra os *albigenses*. Então não foi a conquista dos Logares Santos que despertou o zelo dos christãos — foi a punição d'uma seita religiosa que se ia propagando em França.

Simão de Monfort toma o commando da cruzada, e entra nas Gallias exterminando os hereges a ferro e fogo. A victoria acarinha-o. Alguns principes francezes querem proteger os seus compatriotas; mas temem o poder do exercito de Simão, e a fraqueza dos seus estados. Toulouse, Narbona, Avinhão, etc., tentam ainda resistir, mas são conquistadas pelos cruzados, e os seus condes soberanos perdem a corôa na lucta. Só Foix consegue apagar os golpes de Simão de Monfort, e fazer face ao exercito. A cidade é vencida; mas o castello, firme no cume dos rochedos, zomba das aggressões dos sitiãtes. E o valente conde Raymundo Roger de Foix viu orgulhoso aniquilar-se o furor e o exercito de Simão de Monfort na raiz das escarpadas penedias que lhe acereavam a fortaleza!

Tal foi o objecto d'esta quinta cruzada, que teve lugar em 1210, e que foi a devastação da França, e horror dos homens sensatos. O estandarte da cruz, que até ahí só tremulara á testa d'um exercito, caminho do Oriente, corria agora de cidade em cidade, banhado, não no sangue que nobremente se vertia nos campos asiaticos, mas no sangue dos martyres, que o fanatismo, erecto em tribunal, immolava com estúpida indifferença!

As fogueiras da superstição sorveram milhares de francezes! Os tormentos inquisitoriaes provieram d'ahi! O santo-officio, onde se imaginaram e pizeram em pratica os mais atrozes supplicios que poderiam inventar-se para esmagar a humanidade, foi a sequencia d'essa cruzada — o epilogo d'ella, por assim dizer. A guerra terminou como terminam todas as guerras; mas os rastos d'ella, malditos de Deus e dos homens, prolongaram-se até quasi aos nossos dias. O resultado d'essa expedição, mais ambiciosa e politica do que filha do fervor religioso, foi o flagello que no espaço de mais de cinco seculos pesou sobre a humanidade!

Entretanto o intuito com que as primeiras cruzadas tinham sido organisadas não desmerecera no espirito dos christãos. Porventura se deslembraram elles da sua tranquillidade domestica, mas não de que no Oriente estava a cruz pedindo soccorros á christandade, e que muitas vinganças havia a tirar dos sarracenos pelo sangue de tantos de seus irmãos vertido na Palestina, e sobretudo pelo do Christo, que manchava os muros de Jerusalem! Então ainda havia christãos, cujas faces a vergonha enrubecia! Então ainda os fieis, talvez do prisma religioso que os cegava, liam a palavra *precito* na face do sarraceno, tisonada, como criam, pela negrura do peccado, e não pelo sol queimador dos desertos! Da crença brotavam ainda heroicas inspirações! A religião, no fastigio das

glorias, tinha ainda o poder de ir despertar no fundo dos corações os nobres incentivos! A duvida, pela mão da philosophia, não requiemara as flores d'alma, para a deixar, arida como o scepticismo, nua de crenças e esteril para o sentimento!

Por isso, não obstante os revezes das primeiras cruzadas, e os perigos que ameaçavam os que tentassem a reconquista da Terra Santa, ainda resouo pela Europa a grita das multidões convocando a christandade a outra expedição. E os povos do Occidente reuniram-se outra vez debaixo do commando do rei da Hungria, de Estevão de Brienne, e d'um legado do papa, que Roma quiz mandar para apresentar-a na santa empresa.

Continua.

ALFREDO PIRES.

Doas mulheres da epoca.

Romance contemporaneo.

II

PARTIDA PARA A CRIMEA.

Continuação.

Nunca tinha, por mulher alguma, sentido os desejos que me infundia Cesarea! As minhas noites eram compridas horas de insomnia! O dia vinha ainda achar-me acordado e abrasado pela febre! Seguiram-se depois esses dias de aborrecimento, e nada me disturbava! nada me prendia a attenção. Pensava em Cesarea... e se não pensasse n'ella... teria morrido!

Chegou finalmente esse dia fatal em que eu devia deixar de a ver! Oh! isso era o mesmo que condemnar-me para sempre ás trevas! Antes quizera cegar do que deixal-a partir... Tomei uma resolução desesperada! alistei-me em um dos corpos de voluntarios que devia embarcar no mesmo navio; esqueci patria, familia e amigos; mas zeguei Cesarea. Cesarea quasi que comprehendeu o meu segundo acto de dedicação.

Uma noite, antes de nos fazermos de vela, estando a guarnição entregue ao sono, passei-a eu tristemente na tolda, meditando na fraqueza com que me deixava fascinar por uma mulher que talvez não tivesse outros dotes além d'essa belleza fatal, que em breve seria aniquilada pelo tempo! De repente sinto alguém a meu lado, volto-me, e distinguo uma figura que me pareceu algum grumete do navio. Era Cesarea assim disfarçada.

— Carlos, disse-me ella em francez, quem segue por este modo uma mulher, é porque espera alguma coisa d'ella. Devo pois extinguir todas as tuas esperanças: aliás teria de sentir remorso d'essa existencia que vae, por amor de mim, expór, e talvez roubar ao amor da tua familia e dos teus amigos! Quando me decidi a entrar na irmandade, a que hoje pertenco, despresei todas as aspirações que a vaidade pode estabelecer-nos no coração! Nunca tive senão um unico pensamento de amor; esqueci-o um momento, mas em breve tornei a sentir-me por elle dominada quando a imaginação exauriu todas as illusões que o mundo e a sociedade tem para fascinal-a! Ao meu pensamento, porém, já não correspondia nem a menor esperança! Quiz assim mesmo satisfazel-o... achei uns braços de marmore que não me abraçavam, e um coração de gelo que já não pulsava sobre o meu! Recuei aterrada da minha fraqueza; envergonhada do meu delirio!... aos deztoitos annos, já toda a vida estava acabada, restava-me só a existencia: esta existencia é hoje a minha cruz, vou leval-a ao seu calvario!

Bem vês que não tens nada que esperar de mim. Seguir-me, é voar á morte: porque eu vou onde a guerra e a peste lançam, de hora a hora, a dôr e a desesperação...

— Não importa! disse-lhe eu interrompendo-a. Se um dia fór victima de uma ou de outra, terei ao menos a triste consolação de entregar-te o meu ultimo suspiro, reclinando a cabeça no teu seio. Não te peço já outra esperança; amaste como eu te amo hoje: foste despresada como eu sou, e amas ainda, embora digas que não! comprehendes pois

como é consoladora esta esperança que nutro de morrer nos teus braços, amparado por ti, ouvido as tuas palavras, e sentindo na frente... ao menos uma lagrima tua de simples caridade! Despresaste o mundo para te entregares a Deus; eu tambem despreso o mundo para entregar-me a ti! Trocaste todas as aspirações da mocidade pelo pensamento da caridade evangelica; eu troco todas as minhas pelo teu amor. Tu tens fé em Deus; eu tenho fé em ti! Deus é tudo para ti; tu és tudo para mim!

— Apezar da minha revelação?

— Apezar de tudo!

— Insensato! se pedisses amor á Venus de Praxiteles não terias mais lisonjeira esperança do que eu te posso conceder! Já te disse... tive um unico pensamento d'amor... e se eu hoje voltasse do fundo da minha fria existencia, ás ardentés illusões da vida, achar-me-hia ainda dominada pelo mesmo pensamento! Esperas, ao menos, na tua ultima hora sentir cair-te na frente uma lagrima de caridade? A caridade não verte prantos sobre a palma do martyrio. Nada tens pois a esperar de mim, senão aquillo a que o teu soffrimento physico te deu direito; e essa mesma esperança... quem sabe se tem de ser satisfeita? Quem adivinha o dia de amanhã?! Acredita que não ha consideração alguma capaz de commover-me o coração no sentido que desejas.

— Cesarea, sejamos francos. Tu imaginas, talvez, que apenas me inspiras um desejo? Enganaste: amo-te, amo-te como se tu fóras a origem de toda a minha existencia, assim como és o alvo dos meus pensamentos todos! Ignoro a tua vida passada; vi-te apenas em Lisboa, acompanhada por um homem que não era teu marido. Esqueço tudo! não peço na posição que tinhas junto d'aquelle homem. Quando te confessei que te amava, não te illudi: a prova é esta: queres ser minha mulher? queres aceitar o meu nome e a minha fortuna?

— Sou casada, respondeu ella pausadamente.

Depois do que lhe tinha acabado de confessar, e d'esta resposta que cortava a minha ultima esperança, nada mais tinha a dizer-lhe.

— Agora, Carlos, disse-me ella, confessa que é realmente loucura seguir-me á Crimea. Amas-me, e affirmas que não me illudes; offereces-me o teu nome, e vês que é impossivel acceptal-o. O teu dever é pois esquecer-me. Ao primeiro passo que deres em meu seguimento, desaparece toda a nobreza d'esse amor que até hoje me tem merecido certa consideração. Se teimares em seguir-me, não mais verei em ti senão um miseravel destituído de espirito e de coração, que tem a louca vaidade de lutar contra o esforço ingente do espirito e do coração de uma mulher, que despresou o mundo para entregar-se ao cumprimento de uma missão sagrada! O amor é um sentimento nobre que merece attenção, ainda quando não seja possivel responder-lhe. O desejo... não merece mais do que desprezo!

Dizendo isto, Cesarea desapareceu. Pareceu-me que tinha sonhado. Momentos depois rompeu o dia: a guarnição formou; houve uma revista. O commandante deu ainda áquelles que se achassem arrependidos a liberdade de desembarcarem. Nem um só saiu da forma, e uma hora depois, navegavamos para o theatro da guerra.

— O theatro da guerra! exclamou Matheus de Andrade entusiasmado. Estiveste no theatro da guerra!... Grande homem... Conta-me... conta-me essas scenas magnificas do Oriente! essa tomada final de Sebastopole...

Carlos Condinho sorriu-se, e respondeu:

— Não quero tirar-te as illusões com que te deixaram os jornaes, a respeito do Oriente, nem desmentir as gravuras da *Illustração* franceza ou ingleza. Limitar-me-hei apenas a contar-te o simples episodio de um dos ataques da praça.

Continua.

A. HOGAN.

Ministros do Deus de paz, se não renegaes o exemplo, e doutrina do Redemptor, reconhecei que a religião se firmou, e se deve sustentar pela verdade, e não pela impostura; pela virtude, e não pelo alfange!

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SEBRA.

Continuação

SCENA XIII.

MARGARIDA e JULIO.

MARGARIDA — Este duello é impossivel.

JULIO — Impossivel, porque?! E' talvez uma estrellita que me guia. A manhã pode a fortuna dar-lhe a liberdade, e fazer-me feliz.

MARGARIDA (*á parte*) — Não ha duvida, estas idéas... aquelle veneno... (*a Julio*) Sabe que se meu marido caisse morto, teria de gritar contra o assassino; que uma barreira infinita havia de separar-nos?! Esquece que o mundo é injusto e inexoravel, e que me condemnava julgando-me complice d'essa morte?!

JULIO — O mundo! e que nos importa o mundo?! O amor não conhece a sociedade, a sociedade não comprehende nem respeita o amor! Estimo-a como um desesperado, e esses não olham aos desatinos, querem vencer!

MARGARIDA — Embora! o lucto d'esse desgosto horrivel, seria para a minha consciencia objecto de um remorso incessante. Então não poderia amal-o, e agora... não sei mesmo se o amo já!

JULIO — Diz-me isso para que deixe de me bater, e todavia esse combate pode decidir tudo entre nós. Fui affrontado... é uma sorte! ou João de Castro me atravessa com uma bala e corta o fio d'esta sympathia, ou eu o mato para gozar uma felicidade que só d'este modo pode sorrir-me.

MARGARIDA — Se alguma vez me chegou verdadeiramente a amar, satisfaça-me evitando este desafio.

JULIO — Mas como, se d'aqui a um instante devo achar-me no logar convencionado?

MARGARIDA — Ha um meio facil.

JULIO — Qual?

MARGARIDA — Partir, abandonar a provincia.

JULIO — Nunca!

MARGARIDA — E' em nome de tudo que lh'o peço; salvo-me d'este desgosto que vae matar-me, e destruirá tambem o mau conceito que fazem de Adelaide.

JULIO — Partir!... sair da sua presença, se vivo de cada uma das suas palavras, se me detem o mais ligeiro dos seus olhares, se me prende o mais breve de seus sorrisos? Como heide fugir e esquecel-a, sem me esquecer de mim?!

MARGARIDA — E' pelo amor que lhe tive, que peço que fuja de mim! Hoje conheço a minha loucura... devo estimar meu marido. Elle amava-me... sei como nutria calado este sentimento. Parta, esqueça-me para sempre... fuja! Espera-nos a desgraça.

JULIO — Margarida, se lhe despertei ciumes para a vencer, era fingido!

MARGARIDA — Creio tudo, e nada me importa. Accuse-me embora; porém o meu dever... o meu dever vae mais longe!

JULIO — Pois bem, partirei ouvindo-lhe dizer que me detesta.

MARGARIDA — Julio, pretenderá ainda entornar mais fezes no calix amargurado, que me tem feito esgotar?

JULIO — Não... quero partir acreditando que adorei uma mulher... indigna do meu amor!

MARGARIDA (*á parte, e succumbida*) — Meu Deus! encurtae o supplicio á victima resignada. (*a elle*) Se tanto exige para que se esqueça, dir-lhei: parta d'aqui, que as suas palavras horrorisam-me! Saia, que o desprezo, que o aborrego! Nunca o amei... nunca! ri-me sempre dos seus affectos! (*uma dolorosa commoção que suffocal-a, o que ella intenta disfarçar*).

JULIO — Basta! oh! basta!... E' difficil poder odial-a, mas heide esquecel-a... esquecel-a, sim! (*sae rapidamente*).

SCENA XIV.

MARGARIDA, JOÃO DE CASTRO depois, e um CRIADO.

(Margarida, na apparencia, faz por dissimular a magoa que a dilacera. No momento de Julio partir, olha-o fixamente, e quando já o não vê, baixa a cabeça com desalento).

MARGARIDA — Oh! o golpe é profundo e mortal! um minuto decidiu tudo! Julio partiu, partiu para sempre, e amaldiçoando-me talvez! Fui atrozmente cruel... Mas quem ficou mais ferido no coração?... Elle que vai com o furor do escandalo, ou eu que tive de lhe dizer que o aborrecia, quando a alma... Oh! meu Deus! meu Deus!

JOÃO DE CASTRO (trazendo a caixa das pistolas) — Eis-me.

MARGARIDA (lançando-se-lhe nos braços repentinamente, e afogando-o com meiguice) — Ah! meu amigo, meu amigo, tenho-te aqui... nos meus braços, n'estas cadeas que te hão de prender. Onde queres ir?

JOÃO DE CASTRO — Ora... aonde vou, minha querida... Julio, aonde foi Julio?

MARGARIDA — Julio está já aonde as balas não chegam.

JOÃO DE CASTRO — Sim?... (parte) Procural-o hei até o encontrar; embalde se esconde.

CRÍADO (que entra) — Esta carta para v. s.^a

JOÃO DE CASTRO (tomando a carta) — Podes retirar-te. (o criado sae).

MARGARIDA (parte) — Uma carta! hade ser d'elle.

JOÃO DE CASTRO (abrindo e lendo a carta) — «Juro por tudo que me é caro, que entre mim e Adelaide nada existia. Somos innocentes das accusações que nos fazem. Se parti sem ao menos o prevenir, creia que não é para me esquivar ao combate que me propoz. Para que fique acreditando que não sou um covarde, em qualquer parte aonde o acaso nos faça encontrar, estarei ás suas ordens. — Julio de Menezes.» (dobrando a carta) É um covarde perfeito e astucioso... dava-lhe mais desculpa, se em vez de se esquivar d'este modo, antes me tivesse pedido perdão.

MARGARIDA — Julio não partiu como um covarde, Julio tem razão.

SCENA XV.

OS MESMOS, O BARÃO, e JORGE.

BARÃO (entrando precipitadamente seguido de Jorge) — Onde está, onde está Adelaide?

JOÃO DE CASTRO — Tambem se interessa por ella, barão? D'aqui a alguns instantes não virão ter comigo, entender-se-hão com as autoridades.

BARÃO — A justiça?!

JORGE — Que pretendirão fazer?!

JOÃO DE CASTRO — Mandei chamar a policia, porque Adelaide roubou-me.

BARÃO e JORGE — E' impossivel!

JOÃO DE CASTRO — E' um facto.

MARGARIDA — Adelaide não é culpada, não podia roubar-nos, tenho toda a certeza. Conduziram-na para ali desfalçada, corram se podem dar-lhe algum allivio.

BARÃO — A justiça! as autoridades! (sae precipitadamente pelo fundo).

JORGE — Cumpri o meu dever... e o de meu irmão! Resta justificar-a. (sae, seguindo o barão).

SCENA XVI.

MARGARIDA, JOÃO DE CASTRO, pouco depois CESAR.

JOÃO DE CASTRO — Que diabo de interesse terá o barão por aquella rapariga?

MARGARIDA — O barão é um cavalheiro, e os sofrimentos da minha pobre amiga o magoam de certo. Permitta Deus, que o teu arrependimento não venha a ser tão penoso, como tem sido á infeliza culpa que lhe imputam. (Cesar apparece, e fica escutando).

JOÃO DE CASTRO — Essa culpa deve desvanecer-se com provas, e não com palavras.

CESAR (chegando-se a João de Castro) — As provas tenho-as eu; Adelaide não roubou.

JOÃO DE CASTRO — O senhor?!

MARGARIDA — O amigo de Julio.

CESAR — Eu, que sei tudo, que tenho provas em meu poder sufficientes para amiquilar as suspeitas que pesam sobre a desgraçada, que accusam... sem provas!

JOÃO DE CASTRO — Se quizesse explicar-se...

CESAR — Fal-o-hei. Ha pouco, saindo d'aqui, encontrei no jardim o senhor Eduardo da Motta, que conduzia pelo braço o seu amigo Fernando, e o instigava a partir, fallando-lhe em levar um cofre, ao que elle parecia querer esquivar-se firmemente. Eduardo da Motta proseguiu: — Vou partir, e se d'aqui a meia hora não estiveres junto á oitaveira da estrada, sigo a viagem levando o thesoiro que tu recusas acompanhar.

MARGARIDA (parte) — Que idéa! mas não; Fernando não seria capaz...

JOÃO DE CASTRO — E que provas me dá de que tudo isso assim é?

CESAR — Quer provas? (dando-lhe uma carta) Esta carta que me deu agora mesmo o senhor Fernando de Castro, seu irmão, que partia a cavallo a todo o galope.

JOÃO DE CASTRO (abrindo e lendo) — «Perdão, meu irmão! sei que te perdi para sempre! Não culpes ninguém, todos estão innocentes, eu é que sou criminoso! Estou perdido e deshonrado! O jogo, e um mau amigo, a cuja influencia não podia resistir, fizeram a minha ruina. Vou para a Africa, e lá hei de morrer, se na viagem não tiver de succumbir á vergonha e ao pesar! Não te verei mais... perdoa-me, meu irmão, já que um ente sem consciencia me tornou tão desgraçado. — Fernando.» (succumbido, limpa uma lagrima) Oh! meu Deus! que infelizo!

MARGARIDA — A tristeza que se via impressa no seu rosto, era um signal evidente do seu remorso.

JOÃO DE CASTRO — Isto é incrível! Fernando não podia roubar-me.

CESAR — Mas teve a fraqueza de o consentir. Eduardo em vez de esperar na estrada o seu amigo, achou o seu juiz. Apresentei-lhe um par de pistolas á cara, e fiz-lhe depositar o cofre dos brilhantes nas minhas mãos. Em seguida, conduzi-o diante de mim ás autoridades, e agora está entregue á justiça.

JOÃO DE CASTRO — Pois foi aquelle miseravel que nos roubou?

CESAR — Aquelle que não fallava senão nas suas relações aristocraticas em Lisboa. O meu descobrimento foi mais longe. Aquelle aviso que hoje recebeu, fui eu que lho mandei. O infame não contente com o roubo, queria o assassinio! Envenenando-o, como o senhor João de Castro não tem ainda um herdeiro, o morgado passava livre a seu irmão, e Eduardo da Motta aproveitaria a sua influencia para lhe desfructar os bens.

MARGARIDA — Levaria tão longe a sua malvedez?

JOÃO DE CASTRO — Homens d'aquelles, não recuam diante do crime! (abraçando Cesar) Meu amigo, devo-lhe muito.

CESAR — Fiz o meu dever. (entregando o cofre) Agora cumpre-me entregar este cofre de joias nas mãos de sua dona, agradecendo juntamente a franca hospitalidade que me deram, e pedindo as suas ordens, porque vou partir para o Porto.

JOÃO DE CASTRO — Não consinto, hade passar aqui o verão.

CESAR — Não me é possivel. Mandarei buscar as malas. (a João de Castro apertando-lhe a mão, e fazendo um cumprimento a Margarida) Meu caro, cautela com os amigos... lembre-se que um morgado anda sempre em risco. Ou o põem por doido para outros gozarem dos seus bens, ou o envenenam para se apossarem d'elles... Adeus! (sae e depois de partir, Adelaide entra nos braços do barão e de Jorge, seguindo-os Sebastião e José de Miranda).

Continua.

A paixão do jogo é tão cega, que obriga a sacrificar amigos, bens, e honra.

SONETOS.

Senhora, diz que a minha lingua é má,
Que digo mal de tudo sem ter dó,
Que ate mesmo nem poupo o santo nó
Porque não acio gosto a quem o dá:

Diz que sou um cruel! Ora não ha!
Tendo eu um coração de pão de ló: ...
Mas diga mal de mim, que direi só:
— Grite quanto quizer de la pra cá;

Porém saiba, senhora, que se em sons
Da minha pobre *tyra* doa quinaus,
Cantando sempre mal em varios tons;

Outros, quaes innocentes *carapaus*,
Mostrando-se nas vozes muito bons,
Euganam as meninas — e são maus.

DIALOGO ENTRE UM JANÓTA E UMA BELLA.

J. Bons dias, minha bella. Como passa?
B. Assim, assim, lá lá... muito obrigada.
J. 'Stá hoje mais galante que uma fada! ...
Nunca a vi tao formosa! ... B. Isso é chalaça.

J. Não foi hontem ao baile?... B. Foi pirraça,
Que fiz a um cavalheiro, que me enfada.
J. De certo não sou eu... Quem é a empada?...
B. Juro não lh'o dizer, por mais que faça.

J. Será aquelle gordo financeiro?...
B. Não lh'o digo. J. Sera um tal que ajunta
Ao titulo pomposo bom dinheiro?...

B. Pergunte — que é teimar co'uma defunta.
J. Sera o morgadinho?... o cavalheiro?...
B. Já que tanto me aperta — é quem pergunta.

Não merece uma asneira grande nota
Se algum malloio a diz, por ser basbaque;
Mas de riso me dá famoso ataque
Quando dos labios sae d'algun janota;

Taful d'apuradilha, e fina bota,
Calcinha de primor, airoso fraque,
Que ergue a voz defendendo o merinaque,
É gorda estupidez, constante arrotta.

Ha muitos d'estes, que em *soirées* brilhantes,
Dizendo em doce voz finezas toscas,
Vão campando d'heroes, sendo pedantes:

Sempre ás bellas agradam taes maroscas;
E, como sejam lindos os amantes,
Não importa que sejam papa-moscas.

Para ir de Cacilhas á Piedade
N'um burrinho montei de verde albarda,
A meu lado levando, como guarda,
Ligeiro galopim de pouca idade:

Aguçado aguilhão, com má vontade,
Ferra o rapaz na besta até que lhe arda;
Esta encolhe-se toda, e pouco tarda
Em um mau galopar... que é crueldade;

Encosta-se á parede, e como corça
Dá pulos — e só dera pelo freio
Se eu tivesse em meu braço herculea força!

Em salada me fez este passeio;
Mas isto não bastou — tropeça a *horsa*,
E d'um pulo de rã no chão baqueio.

J. D'ARAUJO.

A jocosidade, para ser amavel, deve respeitar as pessoas, logares, e tempos.